

A INTERSECÇÃO ENTRE LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE NAS DESIGNAÇÕES PARA “MARIDO TRAÍDO”

Vanessa Cristina Martins BENKE (UFMS)¹

Resumo

Este trabalho realiza um estudo diatópico e léxico-semântico das designações para “marido enganado”, documentadas no vocabulário dos habitantes das capitais do Brasil pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), com buscas a verificar possíveis traços de natureza sociocultural, histórico e geográfico no léxico do grupo investigado. Os dados aqui discutidos apresentam um recorte dos resultados da pesquisa de Mestrado de BENKE (2012) que teve como objeto de estudo o léxico na perspectiva dos tabus linguísticos relacionado aos aspectos da vida social e à dimensão mágico-religiosa. Foram apuradas 34 variantes lexicais para nomear o referente em questão, sendo que as cinco mais produtivas no conjunto dos dados analisados foram: *corno*, *chifrudo*, *traído/marido traído*, *galhudo* e *boi*. O estudo confirmou a estreita relação entre léxico e sociedade, revelando, pois, o modo de pensar e de viver do indivíduo ou do grupo social a que ele pertence, materializados, por sua vez, no repertório lexical investigado.

Palavras-chave: *Léxico. Capitais do Brasil. Marido traído.*

1 Introdução

As histórias de traição sempre permearam os relacionamentos na humanidade, passível de acontecer em qualquer âmbito relacional. Ao discutir a traição nos relacionamentos amorosos, no âmbito da psicologia, Guarnieri (2016, p. 1) pondera que tratar da traição não é novidade nos dias atuais, sobretudo pela constante abordagem desse tema em livros, romances, produções científicas, telenovelas, seriados, conversas pessoais e vivências individuais.

O tema traição está atrelada à quebra de normas e de regras nos relacionamentos e, em razão disso, envolve também o aspecto religioso, uma vez que, segundo Guarnieri (2016, p. 9), o casamento, com a difusão do Cristianismo, passou a ter significado simbólico e sacramental.

Haja vista essa dimensão religiosa, o tema traição é permeado de tabu e visto como um ato pecaminoso e imoral, inclusive porque no Brasil, a religião dominante é a cristã e há como modelo de casamento a monogamia.

¹ vcmbenke@hotmail.com

Em razão disso, tratar do referido assunto costuma gerar nos falantes, ora a manifestação de vergonha e constrangimento, ora de ironia, o que o caracteriza como tabuístico. Nesse contexto, o falante vale-se de diferentes meios de substituição no intuito de amenizar o conteúdo semântico “negativo” expresso pelo vocábulo tido como tabu, optando, assim, por formas linguísticas eufêmicas como é o caso do recurso metafórico: “os tabus linguísticos facilitam a difusão de criações metafóricas, pois as palavras tidas como tabus, ao serem evitadas, são substituídas por empréstimos, eufemismos, circunlóquios, metáforas, antífrases, etc” (COSERIU, 1982, p. 69).

Isso aponta para a tese de que a língua reflete a cosmovisão de uma civilização ou, nas palavras de Biderman (2001, p. 109): “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas”.

Assim, partindo do pressuposto de que a língua não se configura como um fenômeno puramente linguístico, mas também como um sistema que está sujeito a receber interferências de natureza sociocultural, histórica e geográfica, este trabalho tem como objetivo discutir acerca da estreita relação entre léxico, cultura e sociedade nas escolhas lexicais realizadas pelos falantes ao nomearem o conceito: “o marido que a mulher passa para trás com outro homem”. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 31), que integra o Questionário Semântico-Lexical (QSL/141), vinculada à área semântica *convívio e comportamento social* do Projeto ALIB², por meio de entrevistas realizadas com 200 informantes de 25 capitais³ do Brasil.

O estudo amparou-se em princípios teórico-metodológicos da Lexicologia, da Semântica, na Dialetoлогия e da Geolinguística, além de fundamentos em áreas afins como a Antropologia, e a Etnolinguística, considerando, nesse particular, o intuito de subsidiar a discussão dos dados na perspectiva aqui adotada.

² O Projeto ALiB adota critérios metodológicos quanto ao perfil dos entrevistados, estes devem ser: nascidos e criados na localidade pesquisada e com pais também oriundos da mesma localidade, compreendendo as duas faixas etárias: faixa I – jovens (18 a 30); faixa II – idosos (50 a 65), de ambos os sexos. Quanto à escolaridade, o informante deve ter cursado o Ensino Fundamental incompleto (localidades do interior dos Estados e nas capitais) e Ensino Superior (capitais). Maiores informações acerca do Projeto ALiB estão disponíveis no endereço <www.alib.ufba.br>.

³ Palmas, capital do Estado de Tocantins, e Brasília (Distrito Federal) não integram a rede de pontos de pesquisa do Projeto ALiB, pois são cidades fundadas recentemente, respectivamente, em 1990 e 1960, não possuindo, portanto, uma norma linguística consolidada.

2 Pressupostos teóricos

O nível lexical da língua é o que mais reflete os elementos de socioculturais de uma comunidade. Nesse viés, Sapir (1954, p. 205) postula que a língua existe a partir de sua inter-relação com a sociedade e a cultura, pois concebeu a língua como “um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas”.

A relação entre língua e sociedade evidencia, portanto, o caráter de interdependência entre esses elementos, posto que a realidade sociocultural de uma civilização se constitui por meio da língua e a sociedade, nesse contexto, desempenha também um papel ativo no processo de nomeação dos referentes que circundam a sua realidade social.

Nesse contexto, ao discutir a relação entre a palavra e a visão de mundo de uma civilização por ela revelada, Matoré (1953, *apud* ELIA, 1987, p. 73) assegura que “a palavra-testemunha concretiza um fato de civilização típico para a compreensão da forma de pensar de um povo em certa fase de seu vir-a-ser no mundo. Está ligada ao meio social de onde emerge”. Partindo, pois, desse princípio, pode-se inferir que o léxico desempenha o papel de “testemunha” da realidade que circunda um grupo sócio-linguístico-cultural.

O conceito selecionado para este trabalho: “o marido que a mulher passa para trás com outro homem” refletiu significativamente o modo de pensar e de viver do grupo linguístico investigado, evidenciando essa relação entre léxico e sociedade, sobretudo pelo uso de designações formadas por metáforas, conforme ilustraram, por exemplo, as formas *boi* e *cornos de cebola* documentadas pelo Projeto ALiB.

Essas formas lexicais são utilizadas pelos usuários da língua no processo de nomeação de conceitos básicos das suas experiências e interações com o mundo em que vive, revelando marcas de natureza sociocultural e contribuindo para a atribuição de novos valores semânticos e para a renovação da linguagem. Nessa perspectiva:

[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 45).

O uso dessas substituições lexicais para nomear algum referente da língua, normalmente ocorrem em decorrência dos tabus, isto é, das crenças, dos valores e

ideologias instituídos e compartilhados entre os membros de uma comunidade linguística.

Assim, condicionados por variados sentimentos e comportamentos aliados ao pudor, ao decoro, ou até mesmo por questões mágico-religiosas, o falante opta por substituições lexicais semanticamente mais amenas, assim como evita algumas ações, gestos e até mesmo a proferição de certas palavras. O tabu pode, portanto, estar relacionado a objetos, a lugares, a pessoas, a animais e também a nomes. No entendimento de Guérios (1979, p. 1),

[...] a palavra *tabu* pode ser traduzida por “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”. Vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida”. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças a coletividade, a família ou o indivíduo.

Os tabus linguísticos estão, portanto, associados não somente ao campo das superstições, mas também ao da esfera social, conforme atesta Coseriu (1982, p. 71): “várias outras razões de índole emotiva ou social; razões de educação, cortesia, boas maneiras, decência, amabilidade, etc. Evitam-se expressões e palavras que se consideram demasiadamente cruas ou descorteses, ou indecentes”. Os dados discutidos neste trabalho referem-se à esfera social.

Outro recurso linguístico empregado pelos falantes como substitutivos do vocábulo tido como tabu é o eufemismo, no intuito de amenizar a carga semântica contida na palavra interdita: “na maioria dos casos, embora não em todos, a palavra tabu será abandonada e introduzir-se-á um substituto inofensivo, um *eufemismo* do grego *eu* “bem” + *pheme* “falar” (ULLMANN, 1964, p. 426). Logo, o eufemismo é “toda maneira atenuada ou suavizada de exprimir certos fatos ou ideias cuja crueza pode ferir” (DUBOIS et al, 2006, p. 255).

O estudo aqui apresentado deu mostras, por meio das variantes lexicais apuradas para designar o “marido enganado”, dos valores culturais e sociais pertencentes ao grupo investigado, além de crenças e atitudes linguísticas do falante frente ao assunto em questão, referendando a estreita relação entre as escolhas lexicais dos falantes de uma comunidade e da sua cosmovisão.

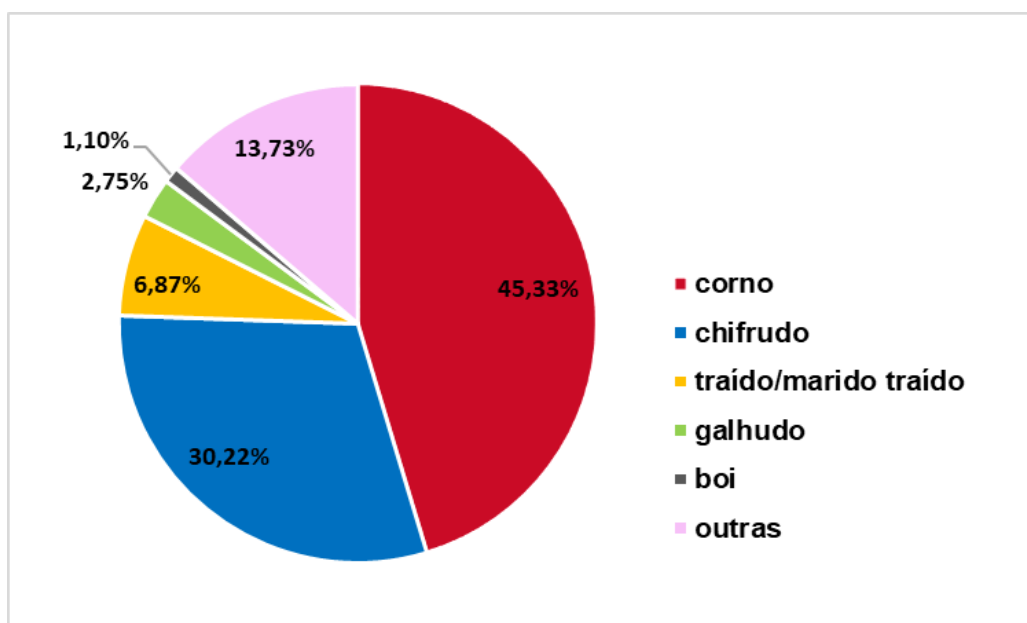
Na sequência, temos a apresentação e discussão dos dados examinados sob as perspectivas: diatópica e léxico-semântica, objetivando compreender aspectos relativos à maneira como um povo vê e concebe a realidade em que vive, materializados, por sua vez, no léxico da língua, contribuindo, portanto, para um

maior conhecimento da realidade sócio-histórico-cultural dos habitantes das capitais do Brasil.

3 Apresentação e análise dos dados

Como designativos para o conceito “o marido que a mulher passa para trás com outro homem” (141/QSL), o Projeto ALiB documentou, nas capitais do Brasil, 34 variantes lexicais: *babaca, boi, bundão, cangalha, chapéu, cheio de ponta, chifrudo, coitado, cornélio, corno, corno cebola, corno cururu, corno de biqueira, corno de goteira/corno goteira, corno lagartixa, corno manso, corno na marra, corno pontual, corno velho, cornudo, enganado/marido enganado, frouxo, galheiro, galhudo, guampudo, levar galha, levar ponta, mole, otário, estar com galho na cabeça, ter galho, touro, traído/marido traído e trouxa*. O percentual de ocorrência das designações mais produtivas pode ser visto no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Designações mais produtivas para “marido enganado” nas capitais do Brasil⁴



Fonte: elaborado pela autora (2021)

Nota-se que, no universo pesquisado, *corno* foi a variante mais produtiva para nomear o “marido traído” (45,33%) nas capitais do Brasil, confirmando o seu uso como variante padrão para nomear o conceito em foco.

⁴ Considerando o número expressivo de variantes lexicais documentadas e para uma melhor visualização dos dados apresentados, optou-se, no Gráfico 1, por ilustrar as cinco designações mais produtivas e as demais foram agrupadas como “outras”.

Na sequência, a Carta Linguística 1 ilustra a distribuição espacial das cinco designações mais recorrentes nas capitais do Brasil:

Figura 1 – Distribuição diatópica das variantes mais recorrentes para “marido traído” nas capitais do Brasil



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pela autora (2021)

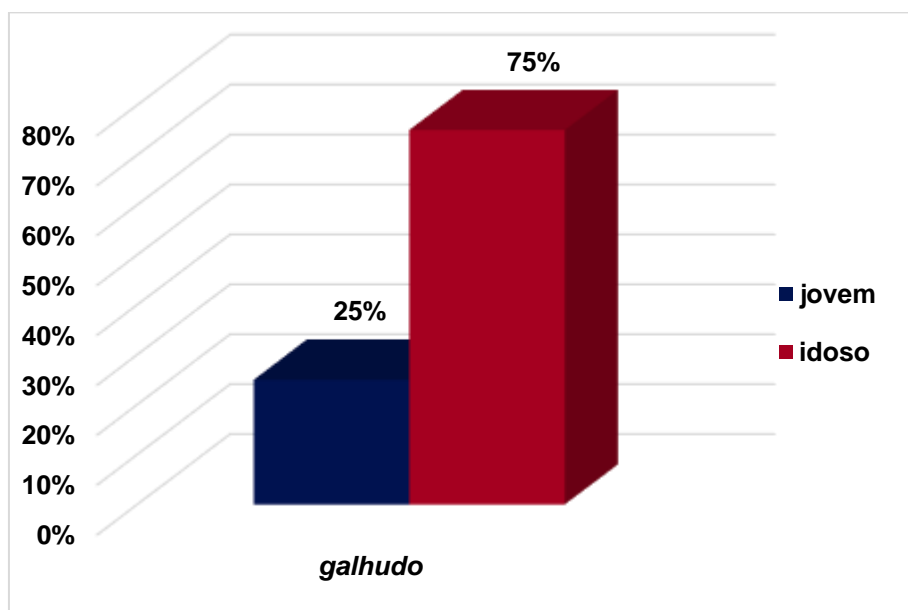
Os dados expostos na Figura 1 mostram uma distribuição uniforme de *corno* e de *chifrudo* nas capitais brasileiras. Já a unidade lexical *traído*, embora produtiva, não foi registrada em algumas capitais: Porto Alegre, São Paulo, Vitória, Campo Grande, Cuiabá, Macéio, Recife, Teresina e Macapá.

Galhudo, por sua vez, concentrou-se em capitais litorâneas: Macapá, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, São Paulo e Florianópolis. Fato semelhante observou-se no registro do item lexical *boi* em uma capital sulista: Florianópolis, duas do Nordeste: Maceió e Teresina e uma no Norte: Macapá.

Com base nessas observações levanta-se a hipótese de que *galhudo* partiu do Nordeste, haja vista ter obtido maior registro nessa região (4,05%), e está em processo de disseminação para as capitais do Sudeste, do Sul e do Norte.

Outro dado importante sobre essa designação é que *galhudo* teve destaque no vocabulário dos informantes da faixa etária 2 (idosos de 50 a 65 anos), com produtividade de 75% entre os mais idosos, o que, possivelmente, possa indicar que ela está caindo em desuso.

Gráfico 2 – Variação diageracional para *galhudo* nas capitais do Brasil



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pela autora (2021)

A predominância de *galhudo* na fala dos idosos aponta para um traço de conservadorismo linguístico na fala dos habitantes das capitais brasileiras. Fato que corrobora essa hipótese é que Moraes (1813) registrou no verbete *galhudo* a acepção de “diz-se por insulto ao marido de mulher mui devassa”.

Assim, o exame das variantes lexicais para “marido traído”, no que respeita à norma lexical dos habitantes das capitais brasileiras, deu mostras da interferência de questões socioculturais no processo de nomeação do referente em pauta, como mostrou o fator idade na escolha lexical de *galhudo*, bem como refletiu a visão de mundo de seus falantes, particularizados pelas crenças e valores expressos no léxico.

Dando continuidade à análise dos dados, a seguir será focalizada a dimensão léxico-semântica das variantes lexicais documentadas para “marido traído”⁵. Como respaldo para essa análise foram consultados dicionários brasileiros: Houaiss (2001) e Aurélio (2004) e português: Antonio de Moraes Silva; *Diccionario da lingua portuguesa* (1813).

Importante ressaltar que a escuta dos áudios das entrevistas e as explicações de uso de determinada variante lexical fornecidas pelos informantes contribuíram significativamente para a análise semântico-lexical dos dados apurados.

⁵ Considerando os limites deste texto e o objetivo de melhor visualização dos dados aqui discutidos, foram consideradas as cinco variantes lexicais mais produtivas para nomear o “marido que a mulher passa para trás com outro homem” (QSL 141).

Para a variante *cornos*⁶, a mais produtiva no conjunto do *corpus* estudado, Houaiss (2001) apresenta a classificação de tabuísmo e o define como “que ou aquele que é traído pela mulher (diz-se de esp. de marido, companheiro ou namorado)”. Para Ferreira (2004), *cornos* se configura como um chulismo na acepção de “marido de adúltera”. Morais (1813), por seu turno, já registrava para *cornos* a acepção de “o homem cuja mulher se prostitúe; e se diz por-lhe os cornos, por deshonrá-lo”.

O uso de *cornos*, segundo um informante idoso, de baixa escolaridade, de Rio Branco, tem a seguinte explicação: “INF.- Bem, se ela passa ele e ele continuar, ele é *cornos* né, agora se ela passa ele e no momento que ele toma conhecimento ele separa ele foi traído” (Ponto 20/Informante 3)⁷.

Com base na justificativa do entrevistado, *cornos* é usada para nomear o marido enganado pela mulher que, mesmo descobrindo a traição, permanece no relacionamento.

A configuração tabuística do item lexical *cornos* e *chifrudo* foi ratificada com a fala de uma informante idosa de Florianópolis: “INF.-: Ah, sempre o primeiro nome que as pessoas... é muito feio, mas é *cornos*, é *chifrudo* que é um nome muito feio né” (Ponto 230/Informante 4)⁸.

Fica evidente, pois, o pudor por parte do falante em proferir uma designação, que do ponto de vista semântico seja pejorativo, fato que se intensifica por se tratar de uma informante mulher e idosa que, do ponto de vista linguístico, tende a ser mais conservadora.

Chifrudo, a segunda variante lexical mais recorrente no conjunto das capitais brasileiras para nomear o “marido traído” é definida por Houaiss (2001) como “*cornos* (‘cônjuge enganado’)”, de uso informal. Já Ferreira (2004) classifica o mesmo item lexical como um termo chulo e remete o consulente para *cornos*. Observa-se que esse lexicógrafo trata *chifrudo* como uma forma sinonímica de *cornos*, a primeira variante mais produtiva para o “homem traído” no *corpus* desta pesquisa.

Já para a forma lexical *traído*, Houaiss (2001) e Ferreira (2004) não registram a acepção de “marido traído”, mas sim o sentido genérico do termo: “que foi alvo de traição”. Assim, essa forma designativa representa uma forma genérica para nomear

⁶ Os dados do Projeto ALiB documentaram designações formadas com a unidade lexical *cornos*: *cornos cebola*, *cornos cururu*, *cornos de biqueira*, *cornos de goteira/cornos goteira*, *cornos lagartixa*, *cornos manso*, *cornos na marra*, *cornos pontual*, *cornos velho*.

⁷ Informante masculino de Rio Branco, com 63 anos, com Ensino Fundamental.

⁸ Informante feminina de Florianópolis, com 65 anos, com Ensino Fundamental.

o conceito em pauta, o que deixa evidente seu caráter tabuístico. Do ponto de vista semântico, a forma *traído* representa, pois, um eufemismo. O uso de termos genéricos é um dos recursos de substituição do vocábulo tabu mencionado por Guérios (1979, p. 20): “quanto mais geral for o emprego duma palavra, quanto maiores forem as suas possibilidades polissêmicas, tanto mais utilidade eufemizante ela possui”.

Galhudo é definido por Houaiss (2001) como de uso informal e pejorativo, na acepção de “homem traído pela mulher”, enquanto Ferreira (2004) apresenta remissiva para “corno”. Morais (1813), conforme já mencionado neste trabalho, traz no verbete *galhudo* a acepção de “diz-se por insulto ao marido de mulher mui devassa”, configurando essa variante como um conservadorismo linguístico.

A quinta variante lexical com maior ocorrência, *boi* é registrada por Houaiss (2001) como “marido ou companheiro traído pela mulher”, recebendo a classificação semântica pejorativa. Observa-se que essa unidade lexical, ao ser utilizada para nomear o “marido traído”, tem caráter metafórico. Logo, o seu uso pode estar relacionado ao fato de a fêmea desses bovinos não se caracterizar como monógama. Baseando-se nessa hipótese, o marido cuja mulher é infiel é comumente apontado como *boi*, tendo em vista esse caráter polígamo entre a referida espécie que, por extensão, é supostamente evidenciado nos relacionamentos extraconjugais dos seres humanos. Assim, o sema atribuído ao item lexical *boi*, enquanto designativo para o “marido traído”, é “comportamento”.

Considerações finais

O estudo das designações para o “marido traído” mostrou que os itens lexicais *corno* e *chifrudo* integraram a norma lexical dos habitantes das capitais brasileiras para nomear o referente em questão. Na dimensão sociolinguística, o uso majoritário de *galhudo* na fala dos idosos apontou para uma diferença diageracional e para um conservadorismo linguístico no vocabulário dos habitantes das capitais do Brasil.

Do ponto de vista semântico, o registro de variantes lexicais metafóricas referendou a tese da estreita relação entre o léxico e o ambiente físico, defendida por Sapir (1969, p. 43): “há uma forte tendência a atribuir muitos elementos da cultura humana à influência do ambiente em que se acham situados os participantes dessa cultura [...]”. Isso ficou nítido por meio do registro das unidades lexicais *boi* e

das variantes lexicais formadas a partir do elemento *cornu*, como por exemplo, *cornu cururu*, *cornu cebola* e *cornu lagartixa* que fazem, por seu turno, referência a elementos do ambiente dos falantes, traduzindo assim, a forma dele conceber o mundo em que vive.

Assim, o emprego de itens lexicais dessa natureza deu mostras de estereótipos que a sociedade adota sobre o mundo objetivo que, por seu turno, refletem valores sociais e culturais concernentes a uma civilização. Nesse contexto, as diversas referências utilizadas nesse processo metafórico como, por exemplo, o resgate de nomes de animais, entre outros, aponta para a tese de que as metáforas, enquanto designativas para o conceito aqui pesquisado, mostraram-se motivadas, tendo em vista as evidências de relação de semelhança entre o conceito nomeado e o termo linguístico adotado, seja pelo comportamento, pela forma, entre outros semas evidenciados.

Nesse sentido, acredita-se que este estudo identificou o papel da língua, em especial o do léxico, como veiculador dos aspectos socioculturais pertinentes a um grupo linguístico.

REFERÊNCIAS

BENKE, Vanessa Cristina Martins Benke. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. 2012. 313 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **O homem e a sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004. Versão 5.0.

GUARNIERI, Milena Neri. **Um estudo sobre a traição amorosa e a resiliência na perspectiva da psicologia analítica**. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em

Psicologia Clínica) – Núcleo de Estudos Junguianos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2016.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus Linguísticos**. 2. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

SAPIR, Edward. **A linguagem: introdução ao estudo da fala**. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: **Linguística como ciência**. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portuguesa**. Lisboa: Tipographia Lacerdina, Tomos I e II, 1813.

ULLMANN, Stephen. **A Semântica**. Uma introdução ao estudo do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.